

BIBLIOTECA
DE AUTORES
PORTUGUESES

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© Sociedade Portuguesa de Autores
© 2014, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Tiragem: 1000 exemplares
29.^a edição, revista e aumentada: maio, 2014
ISBN: 978-972-27-2307-7
Depósito legal: 371 906/14
Edição n.º 1020013

Confidência

*F*ez-me bem escrever este livro, conto a conto, durante meio século, porque dei por mim a sublimar dificuldades de sobrevivência e fastios existenciais que, de contrário, exigiriam um estoicismo superior àquilo de que sou capaz para serem toleráveis. Embora desejando que Os Putos fizessem doer a consciência tão cruelmente como os vivi, quis também que arrebatassem a imaginação tão magicamente como os sonhei. O facto de continuarem a ser lidos, tanto tempo decorrido, permite concluir que da semente dos meus propósitos germinou boa árvore.

ALTINO DO TOJAL

De Mim para Mim

*E*is-me perante o meu retrato de criança — um retrato pequeno, amarelecido, desmaiado. Descobri-o entre papelada esquecida, que — sacrilégio! — me preparava para deitar ao lixo. Maravilha-me ter chegado a velho com tão inestimável relíquia, a prova de que tive infância. Que vale o Santo Sudário ao pé desta minúscula imagem? Eis dois rostos, miúdo, o teu e o meu. Separa-os um palmo, nem isso, mas quanta eternidade, quantos musgos, poeiras e neblinas de permeio! Esse rosto algo esquivo de uma aurora distante era o meu, era minha essa luminosa expressão infantil onde há mais estranheza do que deslumbramento. Queres ouvir uma coisa? Foi-se-me a luminosidade dos olhos, mas persiste a estranheza, porque — acredita! — na desfalecente vermelhidão do crepúsculo que anuncia as trevas continuo tão sábio como tu quanto aos enigmas da Vida.

Já sinto o coveiro aos calcanhares, vai fechar-se sobre mim o pesado silêncio do túmulo. Deixá-lo. Acusam-me de inabordável, mas tenho uma boa relação com a Morte. A liberdade de morrer quando quiser foi sempre o meu único e reconfortante poder — tremendo poder! — e devo confessar-te, miúdo, que em momentos opressivos de mais rude desencanto fui tentado a exercê-lo. Entendo que o suicídio é uma saída muito digna quando as perspetivas ficam despojadamente aquém do tolerável. Bem sei que o Universo não daria sequer pelo meu sumiço voluntário, que Deus, ou seja lá o que for, não me considera mais importante do que qualquer outra das suas criaturas — uma cabra, um melro, uma rã, um escaravelho, uma simples folha outonal a desprender-se da árvore. Mas procedi avisadamente resistindo à tentação. Para quê socorrer-me desse tal poder, desse tremendo poder, se, procurando no íntimo de mim, ainda dispunha de outro? Não me satisfazendo o mundo, era-me sempre possível usar da imaginação para melhorá-lo.

Não será o mundo afinal coisa minha?, não o trago porventura no meu cérebro?, não existirá apenas enquanto as minhas sensações existirem?, não desaparecerá comigo quando eu desaparecer? Assim, miúdo, propus-me fazer da gélida insatisfação um cálido frêmito de luz, das minhas prolongadas mágoas e fugazes alegrias um cacho de histórias que desse algum sentido ao quotidiano, que me soltasse a alma. Os Putos são o resultado desse anseio.

O lento gotejar do tempo modifica-nos subtilmente, tanto na carne como no espírito. Não sou hoje a pessoa que fui naquela ou naqueloutra fase da existência. Que aconteceria, frágil e apoetado miúdo, se nos cruzássemos num jardim? Talvez reagisses com desconfiança à intensidade ávida do meu olhar, talvez recusasses timidamente um gelado, talvez apressasses a distraída errabundagem entre flores e borboletas, entre plantas e cisnes, embora, a uma distância segura, perturbado, te voltasses um momento para trás. Tu e eu somos de certo modo dois estranhos. Mas se no meu velho corpo fatigado e enfermiço, somente aquecido pelas queimaduras da febre, perduram ainda vestígios de uma pura essência de ti, reanima-me, miúdo, a esperança de que gostarias de ter lido alguns contos deste livro.

LIVRO PRIMEIRO

OS PUTOS DA PRIMAVERA

(publicado em 1964)

Que pena!...

Depois da aula, minha tia passava o resto da tarde a ler, à sombra de uma roseira, perto da velha escola.

Meu avô queria-me consigo na cidade, mas ela opusera-se:

— Reconsidere, papá. O miúdo é franzino, precisa de ar puro. Vê-lo-á todos os fins de semana.

E solicitando a minha adesão com um olhar cúmplice:

— Queres ir para as terras dos gnomos, *Franganito*?

Grande era a minha ânsia de espaços livres, de horizontes azuis. Reinar num quintal murado já não chegava.

Anuí.

Trinta e tal quilómetros de camioneta... uma receção triunfal, com narizes moncosos e ramos de flores silvestres... minha tia a descalçar os sapatos e a calçar sandálias, palmilhando veredas entre eucaliptos, com a criançada atrás, como uma galinha seguida pelos pintos... aquele riacho vadeado junto da azenha, às cavalitas do moleiro... os aromas resinosos, o voo das pegas, os chocalhos ao longe... a aparição dos campos, dos celeiros, das medas, do campanário da igreja, da branca aldeiazinha dos mortos...

Para fruir lances tão excelsos valia bem a pena aturar o despotismo de minha tia — a mais temida e amada das tias... e a mais fascinante!

Conversadora emérita, sabia dar encanto a qualquer assunto trivial. E contar histórias de gnomos?... Cedo admiti que minha tia viera ao mundo para me contar histórias de gnomos.

Dom tão precioso depressa tornou a sua companhia desejada pelos Proenças — gente rica que morava num palacete rodeado de árvores exóticas. O convite da senhora Proença no sentido de minha tia dar lições de piano às duas netinhas foi o engodo usado para a

ter ao pé de si. Diante de uma chávena de chá ela não deixaria de falar. A idosa senhora apenas aprovava, sorrindo, com acenozinhos da branca cabeça fletida, os dedos ossudos a acariciarem os cabelos loiros das gémeas. Quando descosia os lábios era para as lastimar: «*Pobres inocentes! A abrirem os olhos para a luz e a mãe a cerrá-los para as trevas!...*» Ficara-lhes o pai, de resto «*educado, trabalhador... em suma, Dona Maria Emília, um magnífico rapaz*».

À hora do crepúsculo, minha tia despedia-se da senhora Proença e regressava a casa, lentamente, estrada fora, dialogando com o «*magnífico rapaz*» e rindo a espaços, seguida de alguém cabisbaixo, trombudo, rezingão — eu.

Os crepúsculos eram negros, mas as manhãs... Enquanto minha tia afligia os infelizes diabitos à sua mercê, entre quatro paredes sombrias forradas de velhos mapas rasgados — segurinha, portanto —, eu vadiava longe, na luminosidade mágica do dia, as mãos atrás das costas, as aletas do nariz palpitando a cada aragem resinosa, a guedelha tombada para os olhos como a crina dos póneis, gloriosamente sujo. Não raro buscava o convívio dos camponeses, comia do seu pão e bebia do seu vinho, imitava-lhes as atitudes grosseiras, enfim, participava nas suas fabulosas expedições à serra, em demanda do mato, deixando-me transportar naqueles lamurientos carros de bois, aos solavancos, agarrado a um fueiro, com uma pequena roçadeira ao ombro. Os meus amigos camponeses fraldejavam pesadamente ao lado e atrás do carro, chancudos, enormes, também com cada sua roçadeira ao ombro. De caminho, iam-me mostrando as árvores onde havia ninhos e — suprema glória! — diziam-me, algo benévolos e algo cúmplices, que eu até parecia um lavrador. Havia cabras e havia nuvens. A cada ronco, a cada aguilhoadada, os bois forçavam o andamento. Risonho sobre as tábuas trepidantes, com o cabelo a esvoaçar, sentindo penetrar-me a magia do mundo, eu correspondia galhardamente aos acenos dos cabreiros e ao «*bom dia, nosso menino*» dos viandantes, dito com respeito, de chapéu na mão. Pois não era eu o sobrinho da senhora professora?

As únicas repreensões que dela ouvia provinham da vergonhosa modéstia do meu vocabulário. Claro está que minha tia propôs-se combater o mal enquanto me tivesse a seu lado, enquanto durasse a pupilagem. Como? Obrigando-me a apreender o significado de três palavras domingueiras, do nascer ao pôr-do-sol, e a utilizá-las na conversação. Se acontecia eu dizer «*chamuscar o porco*» em vez de «*musgar o porco*», gelava-me com um simples franzir de sobrolhos. Chamar coelho a um caçapo ou a uma lebre era outra leviandade punível.

— As coisas, rapazinho — dizia ela severamente —, devem chamar-se pelos seus nomes, ouviu?

Isso afigurou-se-me mais acabrunhador do que a vistoria matinal às minhas orelhas e às minhas unhas, ou do que a obrigação de rezar o terço após a ceia. Era com espasmos no estômago e os olhos no chão que eu me dispunha a falar. E pobre de mim se estropiasse uma palavra ou usasse outra menos oportuna, em especial diante dos Proenças!

Acabou por vedar-me quaisquer familiaridades com os camponeses, cuja «*linguagem asselvajada*» exerceria ação perniciosa no meu intelecto.

Mau grado as suas tiraniazinhas, ninguém amava tanto essa fascinante narradora de histórias como eu. Cheguei a noticiar à pequena Celeste — que fazia trança no campo, ao pé do gado — e a outros diabinhos da escola a nossa próxima boda, algures, numa gruta do monte, bem acima das nuvens. Subiríamos de mãos dadas — eu de preto e minha tia de branco — com quatrocentos gnomos a caudatários. No banquete nupcial servir-se-iam pitéus silvestres — especialmente amoras.

A pequena Celeste riu, aninhada ao pé do gado, sem deixar de fazer trança, e um dos diabinhos, após uns instantes de silêncio, disse aos demais diabinhos, fungando ruidosamente:

— Num vos acrediteis, moços! Ele está a mangar!...

Casar com minha tia!... Tê-la só para mim, toda, a contar histórias de gnomos quando eu lho ordenasse!... Que felicidade!...

Um pretendente ao coração de minha tia era, claro está, um candidato ao meu rancor. O meu rancor!... Eis um sentimento que manifestaria enquanto ela mantivesse o programa das horas crepusculares...

Ler à sombra da tal roseira ainda era, contudo, o supremo deleite de minha tia. Então, raiozitos de sol tremeluziam na folhagem, ouviam-se chilreios, os brados rudes dos camponeses chegavam até nós em promiscuidade com trombeteios alternados de galos à compita, dominando múltiplos ruídos. Por vezes tombava sobre o livro aberto uma pétala vermelha. Minha tia inalava-lhe o perfume, punha-a a marcar a página e, engolfando no azul os olhos sonhadores, desentranhava um fundo suspiro, bem fundo, talvez isto:

— Que pena não haver um escritor na família!

Geralmente eu estava encostado com negligência ao tronco morno da roseira — silencioso, os dedos de um pé fincados num joelho, a olhar. Imaginando aquela espécie de lamento, sentia-me ínfimo, pior, sentia-me réu, e desenvolvia febrilmente planos deste teor:

«Urge escrever! Já sei muitas palavras difíceis, já domei bastantes letras; agora preciso de domar as outras. Hoje domei o O; amanhã

domarei o P; quando tiver o Z bem domado estarei apto a escrever livros, muitos livros, livros grandes e grossos, dos dela, sem gravuras. Aparos tenho eu... aparos e tinta e cadernos. Faltam-me os óculos. Todos os escritores usam óculos. Pedirei uns emprestados ao avozinho... talvez até mos dê... Depois fecho-me a escrever meses inteiros e ela será feliz.»



Eu a domar o Z e um cataclismo familiar a atirar-me da órbita de minha tia para a de meu avô.

Na altura, a mudança pareceu-me vantajosa. Ao contrário de minha tia, meu avô não só admitiu como até encorajou intimidades com os novos camponeses da remota aldeia onde nos exilámos. Logo à chegada, um cabreirito desgrenhado pôs-se a olhar-me, de pau na mão, os sapatos... a camisa... o relógio... Percebia de sapos, mas foi com espanto que me ouviu falar dos gnomos. Depressa fiz daquele selvagem fedente a bodum um membro entusiasta da confraria dos sonhadores. Elaborámos mesmo um programa de trabalhos cheio de magia. Deslizar por entre eucaliptos gemebundos, a horas de Lua branca, enquanto zizios e cricris emudeciam ao rumor esporádico dos nossos tropeções, no intuito sempre frustrado de espionarmos os gnomos, era magia, magia pura, que se estilhou na tarde chuvosa em que um automóvel me trouxe de novo para a cidade. O motorista fora aluno de meu avô. De caminho atualizou-nos com a família, da qual não tínhamos notícias há muito tempo. Entre outras novidades soubemos que minha tia estava numa casa de saúde a tratar-se de qualquer coisa — de um cancro, parece — e soubemos...

Um profundo desgosto apoderou-se de mim, quando nas vidraças do carro desfilavam já, em vez de árvores bracejantes, prédios conhecidos, lampiões acesos.

Fora atraído!

Minha prendada e amada tia desposara um homem mesquinho, um Proença qualquer, enfim, «o *magnífico rapaz!*»

Depressa caíra em si; mas, em vez de infernizar a vida conjugal, impôs-se como penitência recalcar estoicamente o seu desapontamento, aceitando a situação como se a achasse satisfatória. De resto, o marido, posto que incapaz de encorajar diálogos transcendentais, não era desprovido de predicados; seria até um partido tentador para outra mulher menos exigente. Além de ativo, estava bastante enamorado para não privar a esposa de toda a terapêutica suscetível de lhe prolongar

a vida. Se bem que costumasse depreciar-lhe os reconhecidos dotes e proclamar-se a si mesmo a pessoa mais importante da Terra, no fundo aguardava com apreensão um desenlace fatal, pois não ignorava que do eclipse daquela estrela irradiante resultaria ele ficar às escuras. Minha tia soube educar essa apreensão, coibindo-se de lhe fazer sentir a sua superioridade. Era notório como esta renúncia enfatuava o néscio. Vinda da esposa, valorizava-o, na medida em que lhe adulava o amor-próprio. Para ela, tratava-se de uma filosofia comodista: acima de tudo queria ler em sossego os seus autores favoritos.



Quando a ciência considerou minha tia um caso arrumado, já o tal cataclismo familiar e meia dúzia de reflexões sobrevindas tinham abalado a minha fé na excelência do género humano. Quem me conhecia, melhor, quem privava comigo, dizia-me com o coração cheio de ódio. Nisso especulavam tolamente: se alguns vínculos de sangue iam enfraquecendo, outros, como o que me ligava à minha tia, estavam demasiado enraizados para se extirparem sem dor. Volta e meia, a criança melancólica que eu era tratava de obter uma aquiescência sempre difícil do avô e metia-se na camioneta, acudindo a um apelo. Doente, quase cega, minha tia pedia-me que lhe lesse romances. Sem suspeitar da gravidade do seu estado, guiava-a lentamente pelo parque até ao caramanchel e acomodava-a numa preguiceira. Ela usava então uns óculos escuros que a desfeavam e, por estranho que pareça, mantinha a antiga severidade.

— Não cantes, rapazinho! — dizia, amiúde, em voz cansada. — Lê com naturalidade. Apre, estás cada vez mais burro!

Noutras ocasiões interrompia a leitura com um gesto mole para fazer um reparo:

— Mal! Eu escreveria «*perfil sanhudo*». Quem é o tradutor?

Tirava os óculos escuros, como se isso lhe apurasse o ouvido, e acercava dos meus os olhos quase sem luz. Esclarecida, repunha os óculos no seu lugar, encostava-se com abandono na preguiceira e comentava em tom indulgente:

— Era de esperar...

Mas se um trecho merecia a sua aprovação pedia-me que o relesse. No fim escapava-se-lhe dos lábios descorados a palavra ritual:

— Sublime!

E lá vinha o suspiro:

— Que pena não haver um escritor na família!



Por essa altura, claro, o alfabeto inteiro curvava-se à minha vontade. Durante semanas escrevi febrilmente. Um dia entrei com ar radioso na camioneta, sobraçando papéis.

A meio da viagem, quando o heroico despojo avançava devagar, aos sacolejos, largando nuvens de pó e fundindo o seu lamuriar dormitivo nas vozes humanas não menos dormitivas, uma delas elevou-se distintamente:

— Essas doenças são o diabo. Não adianta gastar dinheiro. Mais vale uma pessoa deixá-lo aos filhos.

Logo outra voz:

— Mais vale. E a Dona Emília, coitada, deixou quatro pequenitos...

— Dois. As catraias são dele, da primeira mulher.

— Ai são?

— São.

— Não sabia...

— Dura é a sogra. Ainda há de ter mais umas noritas. Já não há mulheres assim. Minha avó, que Deus tenha no Céu...

Baixei a vidraça. Carvalhos desfilavam lá fora, com lentidão, esfumados numa tremulina de lágrimas. Fora atraído outra vez!



— Vozinho, empresta-me dez tostões para comprar fruta no recreio — pedia eu, todos os dias, à hora de ir para a escola. Meu avô dava-me vinte e cinco.

Em que gastava eu esse dinheiro, todos os sábados? Em viagens de trinta e tal quilómetros. Aonde? À branca aldeiazinha dos mortos. Aí, entre cruzeiros e ciprestes, de joelhos ante a campa onde apodrecia a suposta ouvinte — já substituída na cama do Proença, talvez esquecida —, punha-me a ler escritos que os soluços virgulavam:

Em tempos que já lá vão...

As garças

Sim, abomino as crias dos homens — esses monstrozinhos vorazes e gesticulantes, sempre sentados nas próprias fezes, sempre de ranho no nariz, sempre de goela escancarada. Quão mais grácil e aprumado não é, por exemplo, um vitelo!

Cumpre informar-vos de que não sou de cá; sou de fora, do alto. Fui destinado a um cometa pantanoso, com muitas flores e um carvão aceso, gravitante, a alumiar. Afinal, eis-me aqui. E sabeis porquê? Porque a garça de nívea plumagem que me trouxe suspenso do bico fazia o seu primeiro recado, era bisonha no mister, pouco entendia de orientação celeste.

Na minha qualidade de ente destinado a outro universo e posto aqui por engano, costumo vaguear a desoras pelas ruas menos frequentadas. Ora, certo anoitecer, deslizava eu ao acaso por uma cangosta dos arrabaldes, entre muros podres, verdosos, quando... — horror! — vi uma cria de homem, um monstro. Nem menos! De tarde chovera, chovera muito, e a dita cria estava sentada na lama, com as pernas cruzadas, nua como uma lesma, tremendo.

Estaquei. Ela ali estava, repelente, no meu caminho! Que fazer? Se eu conseguisse esgueirar-me...

Esgueiro-me, olhando-a de soslaio, com o coração a rufar. Já me disponho a estugar o passo, a refugiar-me no mato, quando noto que ela me sorri. Algo bole cá dentro. Saber-me o alvo de um sorriso!... Neste planeta!... Sinto-me tão estranho, tão estranho, que até produzo um estalido com os dedos, como se faz aos cães; e — imagine-se! — tal como um cãozito, eis a cria de homem, o monstro, que deixa tombar as mãos e avança a quatro para mim, num alvoroço, com os olhos a luzir!

Cheio de espanto, vejo-a parar na horizontal, o rabito ao alto, as mãos espalmadas na lama, e fitar-me risonhamente, como quem

diz: — «*Posso subir por ti acima?*» Eu nada digo, espantado. Tomando este silêncio por uma concessão, ei-la, a cria de homem, o monstro, que se socorre das minhas pernas para ganhar a vertical, sem me desfitar, ofegando. Arqueio o espinhaço, possuído da mais insólita curiosidade, e a cria, o monstro, passa-me logo os braços em torno do pescoço. Aprumo-me vivamente, os meus pendentes e o rosto derrubado para trás. Ela aí vem, dependurada! Não cheira a leite, cheira a cebola e a musgo. Sacudo-a com energia, com asco, sempre com os braços pendentes e o rosto derrubado para trás. Ela agarra-se com mais força ao meu pescoço, arredonda grandes olhos azuis, parece dizer: — «*Segura-me, que caio!*» Seguro-a, cada vez mais espantado, cada vez mais estranho, respirando hálito de cebolas e de musgo. Quando, por fim, reagindo àquela vergonhosa fraqueza, me disponho a repor as coisas na ordem inicial, verifico que a criança, de bonitos cabelos loiros, dorme tranquilamente no meu ombro.



Envelheço. É um facto notório, provam-no os charcos depositados pelas chuvas, os trémulos charcos. E sabeis? Há noites em que, deitado de costas no casculho, os dedos entrelaçados sob a nuca, a mordiscar uma ervita, olhando cismadoramente o Infinito, me pergunto, inquieto, se a tal garça de nívea plumagem seria mesmo bisonha no conhecimento das rotas estelares.

Viagem ao Grande Mundo

Para si aquele quarto é o Mundo. Nele sobressaem — para além dos livros de gnomos, fadas e princesas — um carro de assalto, que deita lume pelo canhão, uma avioneta sem uma asa e o retrato do avô. Do mobiliário destaca-se a cama — a grande cama onde ambos dormem. Debaixo dela há sapatos alinhados — enormes sapatos — e há o penico. Suspensa do teto, uma lâmpada. Essa lâmpada é o Sol do seu primitivo Mundo — um sol que ele domina gloriosamente.

O mais precioso, todavia, são os livros de gnomos, fadas e princesas — livros grandes, lustrosos, com belas estampas coloridas.

Perneando de barriga naquela grande cama, com o rosto nas mãos e aquele solzinho dócil a arder no teto, esforça-se por tirar daquelas estampas os factos contados por uns personagens negros, esquisitos — as letras —, aos quais está a quatro anos de ser apresentado oficialmente.

É magnífico!

Mas a revelação oral vinda dos graves e imensos personagens seus familiares e o que ele vai inferindo encorajam-no a dilatar o seu conhecimento do Grande Mundo.

«*E se eu fosse?...*»

Então, vai; põe as mãos atrás das costas e vai. E passa a ir amiúde.

Percorrido um longo, infundável corredor — em fralda e com as mãos atrás das costas —, estaca no patamar, à claridade do cupulim. Antes de empreender a epopeia da descida, rola os olhos luminosos, com o coração esvoaçante.

«*Haverá perigo?...*»

Não há. Ei-lo, portanto, a descer aquela escada medonha, degrau após degrau, socorrendo-se dos balaústres do corrimão. Oh!, os

sobressaltos, as badaladas interiores... Vencido o temível precipício, suspira fundo e, arriscando passos inseguros — em fralda e com as mãos atrás das costas —, assesta os olhos luminosos na sala de jantar, através da porta empurrada devagarinho...

Que sorte! A serviçal ruiva e sardenta garganteia fados no seu mundo sujo e malcheiroso — a cozinha.

«É agora!...»

Audazmente, desce mais três degraus e desemboca noutro corredor — um sombrio corredor. Duas portas extremam esse sombrio corredor: a da rua e a da loja. Agora convém-lhe a da loja, a da rua reserva-a ele para futuras e mais ambiciosas expedições.

E põe-se a olhar o problema — em fralda e com as mãos atrás das costas. Chegar à fechadura — eis o problema. Uma só cadeira não basta. Empilha, portanto, uma cadeira e um banquinho e sobe. Se tiver a fortuna de não se despenhar, desanda a lingueta, em golpes de pertinácia, e penetra heroicamente na loja — tenebroso cenário de pipas, lenha e traves aranhentas. Aranhenta é também a porta do Grande Mundo, que resmunga ao abrir-se...

... Ao abrir-se!...

Pestanejando ante o rebelde Sol do Grande Mundo, ei-lo a aventurar passos inseguros — em fralda e com as mãos atrás das costas —, ei-lo a testemunhar lances prodigiosos: é um frango a esgueirar-se entre as couves com uma minhoca no bico, perseguido por outros frangos; é um gato de ferozes olhos verdes, agachado num muro podre, a espionar gulosamente um passarito; são duas borboletas amarelas, surgidas de um lírio roxo, a voejarem no azul, ao redor uma da outra, a voejarem...

Aquelas duas borboletas!...

Ele ergue-se nas pontas dos pés nus, a pestanejar; e, pestanejando, tira as mãos de trás das costas e agadanha risonhamente aquela morridão cheia de aromas e de zumbidos, numa ânsia de posse. Mas as leves borboletas doudejam cada vez mais alto, cada vez mais sumidas, talvez acima das nuvens; então, ele, desapontado como aquele gato de ferozes olhos verdes, repõe as mãos atrás das costas e examina prodígios mais acessíveis — um caracol, por exemplo. O preciso é afoiteza. Emocionado, toca-lhe com o dedo num cornicho. O caracol encolhe-o e, tremeluzindo humidamente, refugia-se na concha.

É magnífico!

Mas... os seus amigos gnomos, onde estão?

Gradis floridos separam o mundo dele dos mundos vizinhos. Ao longo desses gradis floridos perpassam senhoras que penduram em arames peças gotejantes de roupa.

Ele a viajar entre as couves — em fralda e com as mãos atrás das costas — e uma das senhoras a dizer, tirando molas da boca:

— Até pareces um homem!

«*Pois pareço...*»

É, na verdade, magnífico!

Mas... os seus amigos gnomos, que é feito deles?...

E, viajando — em fralda e com as mãos atrás das costas —, ora se agacha para estudar um vidrinho mais brilhante do que uma estrela, ora se detém a ponderar a epopeia de subir ao lavadouro.

Aquele lavadouro!...

Subir àquele lavadouro é glória que pode valer uns açoites; mas como ele gosta de ver a sua cara refletida debilmente naquela água suja de sabão!, como se sente recompensado!

Ele em pleno êxtase e...

— Maria! Maria! Olha o vosso menino no tanque!

O seu coração esvoaça. Há perigo! E ele, o perigo, saracoteando-se belicamente por entre as couves, ruivo e sardento:

— Ah, sua peste! Saia já daí! Já!

Sente-se erguer pela fralda e sente-se açoitar pela mesma mão que lhe aponta amiúde as malgas de marmelada vazias ou os cacos de loiça partida.

— Safado!

Rompe a chorar, na súbita hostilidade do Grande Mundo; e, chorando, rola angustiadamente os olhos luminosos, na esperança de ver duas velhas mãos acolhedoras e um velho rosto benevolente — as mãos e o rosto do avô.

É uma esperança vã, pois o avô não regressa a casa tão cedo. Ainda se ele pudesse expor... Mas a língua ainda não o deixa expor satisfatoriamente. Sem poder esperar auxílio do avô e sem poder expor satisfatoriamente, resulta ficar à mercê daquele perigo ruivo e sardento.

E ele, o perigo, fechando-o no seu mundo, agora tão escuro, aca-nhado e triste:

— Aí queto! E num me olhe assim co esses *holofotes* acesos, seu gato bravo! Cuida que lhe tenho medo, cuida? Tadinho!...

Afasta-se garganteando fados.

Ele sobe trabalhosamente para aquela grande cama, põe aquele solzinho dócil a arder no teto, e, com lágrimas nas faces, agitado por soluços, começa a folhear os livros mágicos, os tais — livros grandes, lustrosos, com belas estampas coloridas.